

Universidades Lusíada

Zúquete, Ricardo, 1963-

**Quem casa quer casa: apontamentos sobre a
referenciação dos espaços**

<http://hdl.handle.net/11067/5071>

Metadata

Issue Date	2018
Type	bookPart

This page was automatically generated in 2020-03-05T06:47:04Z with
information provided by the Repository



QUEM CASA QUER CASA: APONTAMENTOS SOBRE A REFERENCIAÇÃO DOS ESPAÇOS

WHOEVER WEDS WANTS HOME: NOTES ON THE REFERENCING OF SPACES

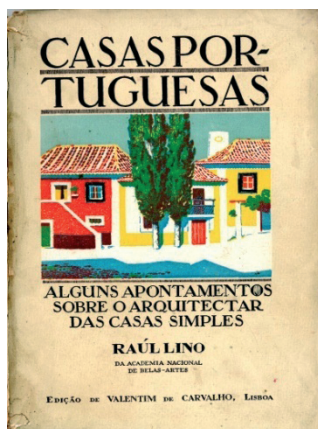
RICARDO ZUQUETE / Arquitecto/ *PhD*/ Universidade Lusfada de Lisboa zzzuqt@gmail.com

Abstract: “Whoever weds wants a home” (*Quem casa quer casa.*) is a popular saying that was also the title of a book that formed part of a long ongoing educational programme based on the premises of the Salazar régime. This was a notable work that attempted the promotion of a move towards the modernization of the traditional space of Raul Lino’s *Casa Portuguesa* (The Portuguese Home) through an accessible illustrated history, especially attractive to the reader inasmuch as it related to the home’s living space. Excerpts from this book will serve as the structure and foundation of this text, and which give rise to a number of questions – or “short stories” – relative to the new sense of the contemporary living space, to the search for new points of reference, or of the meaninglessness of many of these spaces. The final text comprises a critical comparison of these *two worlds*, a *chessboard* to be played by the reader; with the choice between the closed model of the traditional home that the architects were trying to break with in the 1950s, and the possibilities that the absence of that model gave to the liberation of the home of our times.

1. Prefácio – “Casas Portuguesas”

No final da década de 30, a sociedade Portuguesa vivia uma profunda crise cultural, que só no princípio dos anos 50 lenta e timidamente ensaiava algumas saídas.

A geração Modernista de arquitectos não teve meios, disponibilidade nem provavelmente grande interesse



em desenvolver uma reflexão teórica digna de nota, não tendo seguido qualquer espécie de fundamentação ideológica. A maior parte dos seus autores mais representativos, pertencem à mesma geração, de formação eclética e experiência por vezes nos mesmos ateliers, tornou notória uma expressão geracional, sem que isso significasse um “movimento” organizado. Esta geração era de facto orfã, já que ao contrário do que sucedera noutros países europeus, não houve em Portugal uma geração de transição, um grupo de pioneiros que sugerisse os caminhos do Modernismo, como MacKintosh e Behrens, ou Hoffmann e Loos.

A figura do regime, Oliveira Salazar, entendia que toda a estrutura social deveria ter um pendor marcadamente ruralista, no qual o lugar do núcleo familiar também deveria desempenhar determinante papel. A ideia de uma casa que representasse esses valores, que no exterior oferecesse uma imagem “portuguesa” e no seu interior estimulasse o desenrolar de uma domesticidade própria à família portuguesa. Essa ideia *passou à forma* pela mão de Raul Lino, que projectou a casa ideal para os ideais do Estado Novo.

A cultura portuguesa mitificava e engrandecia o passado, resultado de um constante desprezo pelo presente e grande apreensão pelo futuro. Era um país onde a predominância do campo em relação às cidades era enorme, onde a pouca população urbana mantinha uma ligação à terra muito forte, o que juntamente com a importância do papel da casa, viria a ser determinante para a sua relação com a cidade e o conceito de urbanidade.

Sendo um paradigma consistente com o regime e de cariz educacional, a “casa portuguesa”, foi progressivamente empobrecida pelo seu autor, que numa tentativa de aplicar o seu conceito de casa a uma outra escala modesta e mais popular, destruiu a sua coerência, arriscando reduções à escala e a composição do que passavam a ser meros objectos decorativos. Com isto, surgiu o modelo *anti-urbano*, na conveniência ideológica devida e para ser promovido pelo regime, que proporcionava a miniaturização das casas senhoriais e o acesso fácil ao desejo e imagem do modo de vida da burguesia - como a miniatura de um sonho.

“Casas Portuguesas” é o título do seu livro que publica em 1933. A consciência do modernismo e do outro modo de vida que propunha, o temor e o fascínio pelo progresso que dizia “assustadoramente belo” eram

referência na sua postura, e assim compunha um conceito e imagem de uma regressão cultural drástica, em relação aos progressos da nova arquitectura modernizante que se desenhava pela Europa.

A compreensão do sucesso da *ideia de casa* de Lino é de grande importância para o entendimento do *imaginário colectivo* português relativamente às questões do habitar privado e do sentido de domesticidade, e da habilidade que o Estado Novo teve em sugerir e aproveitar um modelo que cumprisse simultaneamente a sua vontade, reforçasse a sua ideologia e ainda corporizasse os desejos da família portuguesa.

A seu favor havia a elaboração do projecto sempre feito a partir da planta, interpretando as necessidades dos utilizadores, onde procurava conjugar a eficácia da utilidade dos espaços da casa, com o rigor construtivo de princípios artesanais, que definia com contenção formal e expressiva, a base de uma construção cuja estrutura espacial era em seguida definida por um conjunto de regras funcionais, como a distribuição da “iluminação natural” ou o problema das “correntes de ar”. Com as “disposições muito bem aproveitadas” representadas na planta, o “projecto cuidado” era revelado nas suas regras que estruturavam o espaço interior, e depois seguia-se o exterior de imagem portuguesa dos vãos e guarnições de pedra, os alpendres e cobertas em telha e beirado, não desdenhando nunca o painel de azulejo. Com as desejáveis instalações funcionais da nova época – águas correntes, esgotos e electricidade - muitas destas construções afastavam as pessoas de uma miséria de casas insalubres, impróprias, precárias, e longe dessa imagem divulgada pela propaganda de “pobres mas honrados”: frase do regime que traçava um destino para quase todos de um *sonho* que nunca seria maior do que o de uma pobreza sustentável.

Mas depois vinha a hipocrisia fascizante: “A tradição mais popular deve ser e ao povo não se deve falar uma língua que ele não entenda.” O ideal da “Casa Portuguesa” não devia ser o da miséria, mas só a da pobreza honrada – esse era o futuro da arquitectura de Lino, a defesa dos princípios tradicionais de um Portugal ruralista, onde os valores da terra e do “sonho da casa” conferiam a segurança e acompanhavam a consolidação da ideia de ser Português, que o Estado Novo usa habilidosamente como base da sua ideologia.



- “-Em que cismas rapariga?- disse D. Jacinta ao reparar na filha
 - O Armando vai passar a ganhar o suficiente para podermos casar.
 - E por isso estás triste?
 - Vou deixá-la a si. Vou deixar esta casa
 - (...) não te prendas por mim, filha. Quem casa quer casa. Assim fiz eu, quando casei como teu pai”.

In “Quem casa quer casa” p12

A perversão desse *sonho da casa*, é que era o sonho de toda a gente, porque muitos nem sequer a tinham. Passava pelo entendimento profundo da estrutura social da época, e de acordo com os ideais da ditadura, da vida familiar e da importância do habitat privado, que devia evidenciar uma ideia de domesticidade representativa desses valores do regime, que eram simultaneamente os valores da família e do seu resguardo íntimo. Ou seja, a casa de Lino era a construção física e habitável desses ideais, como um *monumento habitável* ao regime, que no seu quotidiano e domesticidade garantia a presença perene desses mesmos ideais na vida, na atmosfera, no estilo, nos valores representativos das casas de todos os portugueses

A estratégia de um *sonho de casa* que fosse o *sonho do regime* resultou. Nos anos 50 continuava, e apesar do sonho moderno que se construía na Europa pós-guerra. E continua, em grande parte das “casas portuguesas” deste início do século XXI, pleno de liberdades e outros sonhos, porque há (des)valores configurados e estabelecidos por uma ditadura de quase 50 anos que conseguem uma perene presença nas mentalidades, na postura, na vida dos portugueses. (não só nas suas casas)

2. “*Quem casa quer casa*”

Ditado popular que foi título deste livro de 1956, faz parte de uma “*COLECÇÃO EDUCATIVA*”, editado pela “*Direcção Geral da Educação permanente*”. E diz na sua contracapa: “A casa é o lugar de encontro das famílias, é a realização e o ambiente da mulher. Daí que as sugestões expostas neste livro, tendentes a torná-la confortável, sejam úteis, sobretudo para os que, vivendo longe dos grandes centros, têm certa dificuldade na solução dos problemas de arranjo e embelezamento do lar”.

Este livro faz parte de um momento da cultura nacional específico que importa contextualizar. A partir de 1945,

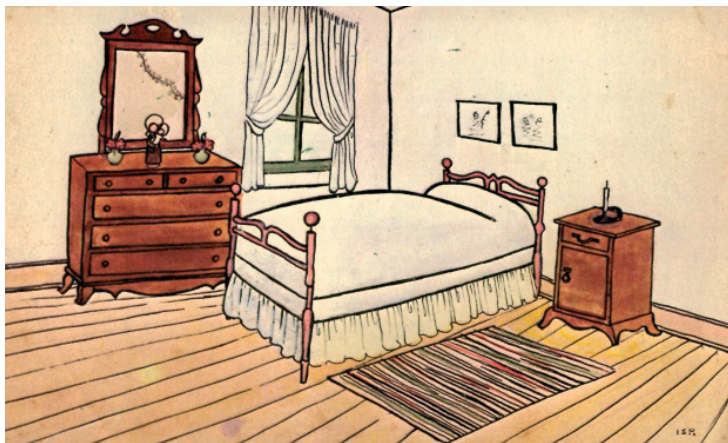
com a vitória dos países aliados o regime era fortemente ameaçado, sofrendo pressões externas por parte das democracias vitoriosas, ao mesmo tempo que uma forte agitação social interna tentava o ensaio para a mudança.

Nos anos *gloriosos* da exposição de 40, onde o regime se afirmou como uma alternativa a uma Europa perdida numa guerra, era fácil acreditar no *modesto sonho* da “casa portuguesa” e ver o mundo pelos olhos do ditador que nos dizia “orgulhosamente sós”. No decurso da guerra Portugal apostando no seu desfecho, inicia uma aproximação aos países aliados e ao esforço de guerra, com a cedência de uma importante base militar nos Açores, indício revelador de que apesar de estar “só”, Salazar antevia a grande transformação que o mundo em breve iria sofrer com o desfecho desta grande guerra. (Teotónio Pereira, Nuno, 1996, p17)

O contexto de um mundo em guerra que favorece o Estado Novo era agora uma paz inovadora, de poderosos ideais e grandes sonhos, cuja dimensão e força abalavam a autoconfiança do regime.

Encena-se então uma abertura, deixando construir arquitectura de imagem moderna, como o Bairro das Estacas (2), com o próprio regime a promover a construção do Hotel Ritz em Lisboa (3), e grandes avenidas de modernas propostas nas capitais das antigas colónias, que longe dos olhares do continente, davam excelentes imagens para divulgar no estrangeiro, de um Portugal em progresso. Enquadrado neste cenário de abertura para uma democracia surgem livros como este – “Quem casa quer casa” - que muito embora ligados a instituições de propaganda e educação de ideais do regime, já precisavam de um outro *tom*, mais de acordo com os novos tempos - nem que fossem *encenados*.

Esforço notável de alguns autores, que souberam *medir* a sua liberdade de expressão para passar pelos crivos da censura, e conseguindo alguns tímidos mas válidos *ares de liberdade*. Ou seja, partindo das premissas da “casa portuguesa” de Lino e do seu ideário, assumido pela autora como espaço referencial da domesticidade portuguesa, é organizado um discurso de apresentação ao mobiliário moderno, simples, funcional, sempre no sentido de melhorar (e nunca transformar) esse sentido da domesticidade vigente e tradicional. Nunca se



“- São coisas simples – disse o Armando – que eu vou fazer. Parece que estou a ouvir o senhor arquitecto falar: “Para o conforto de uma casa interessam móveis simples, cómodos, racionalmente estudados para cada fim”. Não gosta nada de mobílias completas, daquelas que se compram nas lojas, cheias de espelhos, puxadores e arrebitos”(…).

In “*Quem casa quer casa*” p14

oferece a *perigosa ideia* de uma casa moderna, mas de um compromisso entre o sonho e desejo de um mundo aberto ao progresso e o mundo da tradição da casa portuguesa. Se por um lado o livro tem as valias de abrir a possibilidade para um outro ideário da casa tradicional; mais contemporânea, mais livre, por outro lado, está a pactuar com o cenário composto de uma falsa abertura e aproximação aos países da democracia e das suas novas domesticidades progressistas. Prefiro o optimismo de pensar que não havia outra maneira de o fazer, e que estes esforços literários teriam o mérito de despertar, discretamente, pelo menos os mais inquietos – muito melhor do que um livro mais duro e directo, sem compromissos, mas que nunca seria publicado.

Outro testemunho chocante é a sua linguagem. Não existem dados sobre o final dos anos 50, mas em 1961, a taxa real de escolarização da população era de 0,9% (4), dados que explicam a linguagem em tom de história, como uma *rádio novela* (em voga na altura) e que promove conversas entre um carpinteiro Armando, a noiva Luzia, um “senhor arquitecto”, a D. Jacinta, por entre ruas de uma vila, janelas com vasos de Manjerico, colchas, mobílias, “espaços de resguardo e bem estimados”. Se por um lado é uma linguagem medíocre, e que trata o leitor desde essa mediocridade e condescendência, por outro, quer dizer que esse era mesmo o perfil de leitor desejado, e que não havia outra maneira de fazer *passar a mensagem* – e só aos que sabiam ler, menos de 1% da população. Só isto diz muito sobre esse país atrasado e pobre que fomos – e se esta era a linguagem que 1% percebia nada mais há a dizer sobre o que éramos e as *casas portuguesas* que tínhamos.

3. “*codificações ou descodificações*”

O espaço da casa e da domesticidade é aspecto primordial para a compreensão da relação referencial espaço/



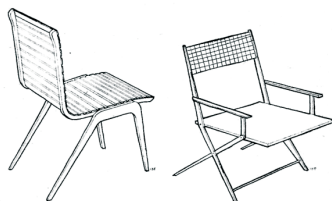
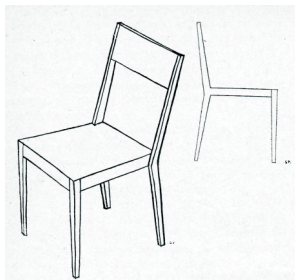
identidade. Claude Lévi-Strauss, em vários escritos e ao longo da sua obra, procura afirmar as estruturas espaciais enquanto garante da identidade dos homens e da sua cultura. Talvez um dos mais claros seja na sua obra *“Triste Tropiques”* (primeira edição de 1955), onde elabora uma análise sobre os feitos de grupos de missionários Salesianos junto do povo Bororo da Amazônia, que habituados a viver em aldeias de estrutura circular, forma que representava a sua estrutura social, funcional e simbólica, e que era assim símbolo da sua identidade colectiva:

“A distribuição circular das palhotas em torno da casa dos homens é de tal importância, no que diz respeito à vida social e à prática do culto, que os missionários Salesianos da Região do Rio das Graças (Amazônia) rapidamente descobriram que a maneira mais segura de converter os Bororo consistia em obrigá-los a abandonar a sua aldeia, trocando-a por outra, onde as casas eram dispostas em filas paralelas. Desorientados, relativamente aos pontos cardeais, privados da planta que fornece um argumento para o seu saber, os indígenas perdem rapidamente o sentido das tradições, como se os seus sistema social e religioso (...) fossem muito complicados para passarem sem o esquema, tornado patente pela planta da aldeia e cujos contornos são perpetuamente refrescados pelos gestos quotidianos.” (Lévi-Strauss, 79, p.215)

Os missionários destruíram o “espelho”(5) que permitia aos índios olharem os seus rituais e cultura, como resultado de um violento processo de perda de identidade.

Nesses seus escritos, Lévi-Strauss oferece esta ideia recorrente que as memórias antropológicas e identitárias de um povo estão dependentes da estrutura do seu espaço físico, do lugar onde habitam, *“perpetuamente refrescados pelos gestos quotidianos”*, que é assim configurador da sua estrutura social e de uma identidade colectiva, no sentido que *configura* materialmente essa identidade.

Esta relação espaço/identidade é apresentada por Henri Lefebvre, onde relewa o que chama *“Espaço social”*, ou o espaço como produto social: *“(...)é quando o espaço social se deixa de confrontar com o espaço mental(definido pelos filósofos e matemáticos), com o espaço físico (definido pelo prático-sensível e pela*



“(...) o que mais me encantava eram as poltronas que via espalhadas pela casa (do arquitecto).
- Que fofas devem ser! – pensou ele. Algumas parecem convidar a gente a sentar-se nelas. E estas de encosto arredondado que parecem ter duas orelhas! Que rico sono eu dormiria numa delas
Algumas eram fáceis de executar, qualquer pessoa com um pouco de habilidade poderia fazê-las. (...)
- Para conversar ou tomar uma chávena de chá, sentimo-nos bem numa cadeira mais baixa e inclinada ela for mais convida ao repouso. Nesse caso o assento deve ser mais comprido e fundo. (explica o arquitecto)

In “Quem casa quer casa” p46/48

percepção da natureza), que a sua especificidade se revela (Lefebvre, 1986, p36) Para Lefebvre, a *produção de espaço* significa a observação e consciência das práticas sociais que constituem esse espaço, longe de “codificações ou descodificações” (idem . p26)

Ou seja, Lévi-Strauss diz-nos que as memórias antropológicas e identitárias de um povo estão dependentes da estrutura do seu espaço físico, do lugar onde habitam (casa), “*perpetuamente refrescados pelos gestos quotidianos*”. Lefebvre fala-nos de uma sociedade estruturada em espaços para “práticas sociais”. Remetendo para o desafio do tema desta publicação; a dimensão doméstica, com os seus “gestos quotidianos”, e o papel social da reserva “descodificada” do espaço íntimo da casa, *contra* o papel do lugar social de interação e cheio de “codificações” do espaço trabalho – xadrez complexo para um entendimento consciente do novo “espaço social” real da casa contemporânea.

4. “*De la maison á la non-maison*”

Sempre que revisito “*La poétique de l’espace*” de Bachelard, o que mais me impressiona é a dimensão poética do seu discurso filosófico, que oferece à sua narrativa fenomenológica nuances profundamente humanas; é um discurso que *escritamente* compõe tão bem essa sensibilidade *do ser*. Talvez essa *habilidade poética* da sua filosofia seja uma das razões da admiração que muitos pensadores de Arquitectura têm por este seu livro. Desde logo porque foge a uma lógica formal de um pensamento geometrizar, e fala-nos do desenho sensual e significativo dos espaços que habitamos, alimentado assim a ideia cara, aos bons Arquitectos e bons estudantes, que o traço do que fazem é afinal um traço que desenha uma humanidade complexa e sedutoramente inteligente (como os textos de Bachelard)

É notável a ideia e o modo como recorre a escritos de poetas como Rilke, Thomas de Quincey, Baudelaire

e outros tantos, para construir a teia do seu pensamento, *tecida* pelos poetas e sublimes metáforas que nos transportam para esse mundo de Bachelard; de uma certeza indiscutível que oferece a inteligência fenomenológica do seu discurso, mas sempre a deixar pairar essa dimensão poética, o que oferece ao leitor do seu discurso uma *incerteza saborosa* que nos estimula a completar o mundo das suas ideias. Essa provocação é para mim a grande sedução da atmosfera de Bachelard.

A sua profunda humanidade, distante de dogmas e *outras geometrias*, aquela que reconhece e convive com a sua complexidade para que as coisas não percam nunca o seu sentido, é a razão pela qual fui procurá-lo para contributo deste ensaio. Esta teia do pensamento discursivo de Bachelard pode ser um exemplo ou uma *bússola* para esta contemporaneidade tão cheia de *joio* que quase desaparece o *trigo*. E se possível, que essa *bússola* nos ajude a saber fazer esse *trigo respigar*.

Gostava então de *respigar* uma história que conta sobre o universo da casa. Nesse seu uso magistral dos poetas cita uma obra de Baudelaire “*Paradis artificiels*” onde relata a felicidade de Thomas de Quincey encerrado no inverno enquanto lê Kant num *Cottage* algures no País de Gales. Kant diz, conjuga a solidão do sonho e do pensamento, na dita *cottage* isolada por um imenso manto de neve no fundo de um vale. (Bachelard, 89,p51) O *paraíso artificial* é esse de uma cabana que resguarda o leitor do pensamento e do sonho de um inverno tremendo, que diz, “podia ser um inverno Russo”. A cabana é a exaltação das referências existenciais, refugio onde a sensibilidade fenomenológica nos devolve paz, “l’hiver évoqué est un renforcement du bonheur d’habiter. Dans le règne de la seule imagination, l’hiver évoqué augmente la valeur d’habitation de la maison”. (Bachelard, 89,p52)

Prosseguindo pelo universo metafórico/poético de Bachelard: “*de tout façons au delà de la maison habiter, le cosmos d’hiver est un cosmos simplifié. Il est un non-maison dans le style où le metaphysicien parle d’un non-moi. De la maison à la non-maison s’ordonnent facilement toutes les contradictions. Dans la maison, tout se différencie, se multiplie. De l’hiver, la maison reçoit des réserves d’intimité, des finesses d’intimité. Dans le*

monde hors de la maison, la neige efface les pas, brouille les chemins, étouffe les bruits, masque les couleurs. On sent on action une négation cosmique par l'universelle blancheur. Le rêveur de maison sent tout cela, et par la diminution d'être du monde extérieur il connaît une augmentation d'intensité de toutes les valeurs d'intimité." (Bachelard, 89,p53)

Num universo íntimo da casa tudo se multiplica e diferencia, as reservas de intimidade, as "*finesses*" da intimidade. O "*non-moi*" do universo exterior é o manto que cobre ruídos, vestígios humanos, esconde cores, sensibilidades. O *Homem sonhador*, da casa habitada, sabe tudo isso: que pelo afastamento do exterior, é no resguardo da *domesticidade* que desvenda e reconhece a sublimação dos valores da intimidade.

Talvez a validade desta metáfora, escrita em 1957(ano seguinte ao da edição original de "*Quem casa quer casa*"), se possa entender melhor ainda no nosso *inverno*, muito mais rigoroso. O "*non-maison*", o mundo do *de fora*, é esse lugar imenso e fragmentado, onde nem existe essa compreensão da imensidão da paisagem do *manto branco* de Bachelard. É uma paisagem totalmente descontinuada e sem entendimento dos seus traços globais, como um *manto* feito de uma *neve* de ilimitadas imagens virtuais. Lá fora é um não-lugar imenso que como no manto da metáfora, apaga traços de memórias, esconde cores e ruídos, pelos excessos e a falta de sentido ou dos inumeráveis sentidos.

Para o desafio deste texto, Bachelard dá-nos o *Homem sonhador* da sua casa feita das complexidades e *finesses* da intimidade. Pode ser que a consciência das "reservas de intimidade" dessa casa; que protege e alimenta, protectora desse *inverno* frio e abafante, alerte a geração dos *Globalists*, (6) como novo *homem sonhador* da casa de Bachelard, para a sublimação dos valores da sua intimidade, onde tudo se diferencia e multiplica. E que essa consciência desses valores ajude a repensar um tempo mais lento, mais humano, para a intimidade da casa - nosso "*Paradis artificiel*".

Conforto e adornos

“A mobília estava disposta de maneira a formar aqui um recanto para conversa amena ou diversão, ali um lugar recolhido para leitura. Tudo estava ao alcance: a telefonia, os livros, as revistas, os baralhos de cartas de jogar. Um objecto ou outro, da predilecção de cada pessoa, parecia colocado casualmente em qualquer sítio: um livro, uma gravura, uma planta num vaso, louças dispersas” (diz o armando sobre a casa do senhor arquitecto)

In “*Quem casa quer casa*” p60



5. “*places of encounter and places of transition*”

Recuperando a ideia de Henri Lefebvre, da relação espaço/identidade à qual chama “*Espaço social*”, ou o espaço como produto social, a produção de espaço significa a observação e consciência das práticas sociais que constituem esse espaço, longe de “*codificações ou descodificações*”, o que importa é reconhecer e interpretar as práticas sociais como conteúdos inerentes às formas (Lefebvre, 1986. p26). Remetendo para o tema em debate neste escrito, longe de “*codificações ou descodificações*” sobre a casa, são as práticas sociais que se constituem como conteúdos vivíveis que dão forma e sentido a essa casa.

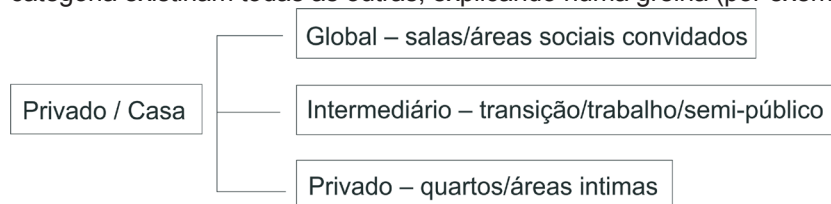
Noutra sua obra diz-nos que as relações sociais, sendo “concretas abstracções”, não têm uma existência real através do espaço, mas uma relação subjacente a esse espaço ou lugar: “Social relations, which are concrete abstractions, have no real existence save in and through space. Their underpinning is spatial. In each particular case the relations between this underpinning and the relations it supports calls for analysis. Such an analysis must imply and explain a genesis and constitute a critique of those institutions, substitutions, transpositions, methaforizations,(...) that have transformed the space under consideration” (Lefebvre, 1991, p 404)

Ou seja, estas “concretas abstracções”, que são as relações sociais, compõem uma relação subjacente ao lugar/espaço que ocupam, sendo por isso mesmo, uma permanente avaliação crítica e analítica em relação ao que esses lugares representam, e sendo origem ou causa de uma permanente transformação; “substitutions, transpositions, methaforizations”.

As práticas sociais, que constituem e configuram o lugar da casa estão sujeitas a essa permanente avaliação crítica da organização do seu quotidiano e dessa concreta abstracção que é a domesticidade e as suas novas ambivalências; “*substitutions, transpositions, methaforizations*”. Ou seja, para Lefebvre, a casa é a configuração do universo mutável de uma permanente avaliação crítica das práticas sociais do homem que

a habita.

Ainda no início dos anos noventa, referia em “The Production of Space” que as categorias ou sistema relacional entre Global (público) Intermediário (espaços de trabalho, transição, semi-públicos) e o Privado (residencial) deveriam ser repensados, porque as novas dinâmicas sociais exigiam uma interação, e que dentro de cada categoria existiriam todas as outras, explicando numa grelha (por exemplo para o privado):



“(…) there are three interacting and interwoven levels of space: the public or global, the private, and the mixed (mediating or intermediary) levels. The fact is that this grid deciphers and apportions social space in a way quite different (…). This grid embodies a different perspective, if only because it does not keep the spatial elements separate from one another within an abstract space. It reintroduces immanent differences and envisions spaces at once “compact” and highly elaborated, places of encounter and places of transition (passages), as well as places appropriated to meditation and solitude.” (Lefebvre, 1991, p 387/388)

O espaço da privado da casa transformou-se num lugar de encontro, “highly elaborated”, por entre espaços de transição, com os espaços de trabalho, e outros, “appropriated to meditation and solitude”. Ou seja, a domesticidade absolutamente reservada da casa que Bachelard enuncia em 57, enquanto lugar para as *nuances da intimidade* e longe das outras interações sociais, é hoje lugar de mutações e outros significados, nesse processo de crítica constante e de metamorfose quotidiana de uma casa onde se gerem espaços da intimidade com espaços intermédios de trabalho e outros totalmente abertos ao mundo dos convidados. Ora

- “De candeeiros também está muito bem servido, senhor arquitecto
Este dobrou dobrou novamente o jornal para dar atenção a Armando, respondendo:
-Tenho alguns, é verdade, mas todos eles fazem falta. Cada um iluminará um cantinho destinado à leitura ou ao trabalho, um quadro na parede, ou ainda um espelho onde agente se queira ver. Um candeeiro-de-pé dá sempre uma nota de conforto e aconchego, quebra a luz, fazendo-a incidir só sobre o ponto que necessita de ser iluminado, envolvendo o resto em sombras suaves ou bizarras”.

In “Quem casa quer casa” p50



esses, dos convidados e os íntimos, sempre existiram. Os intermédios, semipúblicos, de trabalho, são uma nova metamorfose para uma nova relação e dinâmica social do espaço da casa – por entre a absoluta reserva da intimidade e a total abertura ao mundo pela relação intermediária do trabalho.

A reflexão e aferição constante que se *deve viver* enquanto se habitam esses novos espaços da casa, será aquela que permita tornar compatíveis as nobres sensibilidades da casa enquanto lugar íntimo, resguardado, de que *nos fala* Bachelar, com os espaços de relação social intermédia de trabalho, desta nova casa “*highly elaborated*” que “*embodies a different perspective*”, inevitavelmente exposta ao mundo do “*de fora*”, do tal retrato de um inverno gelado, do qual precisamos (humanamente) de resguardo.

6. *home of ambivalence*

A sociedade contemporânea, que configura paisagens, territórios, cidades, casas, terá que ser analisada como um *novo objecto* da antropologia repensada; *objecto* esse que deve ser entendido como *espelho da contemporaneidade* e do sistema relacional *do pensador*, ou *viajante da modernidade*, como Georg Simmel dizia que devia aquele homem/pensador da nova cultura; pensador que viaja por entre a totalidade do mundo moderno (7). O sentido e a dimensão identitária das relações do “*Espaço social*”, ou do espaço como produto social, deverão ser objecto de reflexão e avaliação constante, para que se possa compreender o novo espaço social, as suas outras dinâmicas e renovados sentidos da “sobremodernidade”, como define Marc Augé os tempos de hoje em “*Le sens des autres*” (Augé, 1994, 163). Neste seu livro visionário, com inevitáveis influências nos pensamentos de Lefebvre, ensaia longamente a complexidade deste conceito da sobremodernidade, que á páginas tantas diz dependente de três figuras de excesso: excesso de tempo, de espaço e de individualismo. *Tempo em excesso* porque a história é hoje um acontecimento de rapidez, onde tudo se torna acontecimento,

onde tudo é ou nada é acontecimento, e consequentemente tudo é ou já não será história. Organizar o nosso mundo pela categoria e fenómeno temporal deixou de fazer sentido, até porque deixámos de viver um tempo linear na nossa existência não-linear, onde coexistem vários tempos em múltiplas tarefas e planos do nosso dia-a-dia. E continuando com Augé, a segunda figura, a do *excesso de espaço*: porque o movimento e mobilidade de tudo (bens, serviços, imagens, ideias) implica estarmos envolvidos em muito do que se passa nos pontos mais distantes do nosso mundo, e *nosso* porque temos cada vez mais noção da sua globalidade, ou seja, paradoxalmente, esse *excesso de espaço* tornou o espaço planetário muito mais reduzido pelo aumento de noção *do todo* e de uma aparente proximidade a esse todo.

Por outro lado, a essa enorme teia de excesso de espaço, corresponde uma diluição de referências colectivas de grupo, e assim surge o terceiro excesso - o *individualismo*, que se tornou paradigma, porque a monstrosidade do actual mediatismo contribui para o enfraquecimento das referências colectivas e provoca uma individualização de procedimentos, organizados pelas falsas singularidades do *mainstream* – *tenho um smartphone igual a milhões, mas o meu tem uma capa personalizada, e uma aplicação que poucos se lembraram de instalar, o meu blogue é único, o meu Instagram singular, os posts no meu Facebook, inéditos*.

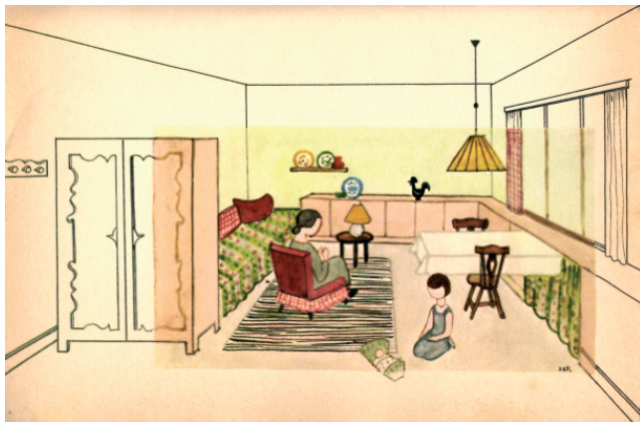
Este entendimento da complexidade relacional da nossa sociedade, e do seu universo social desafiante com inumeráveis possibilidades, é crucial para um arquitecto consciente da responsabilidade do seu desenho, enquanto resposta desafiante a este contexto social. Mas voltando a Augé, e ao estímulo inicial deste texto – casa/trabalho – este “excesso de espaço” é o enorme mundo do *de fora* que é o *espaço* nosso trabalho. É também a tal teia de diluição de referências colectivas de grupo, que provoca o terceiro excesso - o individualismo. Ora, será que este individualismo contemporâneo não será um excesso que promove uma ainda maior necessidade desse isolamento sensível, humano, de finesses tão íntimas, da cabana de Bachelard? Será esta uma *nova aporia* para o lugar da casa? - no sentido de um *desafio belo*(aporia) resultante de uma permanente procura de um equilíbrio entre o excesso de necessidade desse refúgio, e

o excesso de necessidade de abertura de espaço de trabalho - *porta do mundo* agora dentro do refúgio da nossa casa.

Este dilema é parte de uma “realidade líquida”, como lhe chamou Zygmunt Bauman, amplamente debatida na sua obra de incontestada relevância enquanto pensador e ensaísta sobre a contemporaneidade. Refere em “Modernidade e Ambivalência”, a autoconstrução de uma ambivalência, resultante dessas “três figuras de excesso: excesso de tempo, de espaço e de individualismo”. Uma consequente ambiguidade, de “incômoda sobredefinição e subdefinição”, refere, dizendo que temos que aprender a ser “estranhos”, como se fora um novo papel na nossa vida organizada e definida enquanto “nativos”, inseridos numa comunidade, circunscrita a um lugar, *um aqui e agora*. (Bauman, 2007, p.85) O que é mais interessante no, âmbito deste nosso *jogo de xadrez escrito*, é que nesta personalidade ambivalente de Bauman o rito social do “nativo”, utilizador da Arquitectura e da casa íntima, é constantemente desafiado, no seu quotidiano, pelo outro papel do “estranho” no seu papel de trabalhador, que elabora outro sentido de sobredefinição e subdefinição para esse lugar de casa.

O Espaço referencial do “nativo”, da sua intimidade, da sua reserva, do “de dentro” protector ao mundo do “de fora” como dizia Bachelard, é invadido pelo “estranho”, que é o ritual do trabalho, do seu papel e dever social, das outras regras que nada têm que ver com essa reserva privada da casa. No mesmo lugar a dona/o de casa trata das suas domesticidades, desempenhando esse papel social reservado e íntimo, ou trata da mais aberta *conference call*, de enorme relevo para o seu papel enquanto profissional, aberto ao mundo global pela *World Wide Web* – um dos testemunhos imagináveis dos múltiplos significados e papéis de um *viajante da modernidade* de hoje e do lugar ambivalente da casa contemporânea.

Sobre esses múltiplos significados refere-se Bauman aos argumentos persuasivos de Niklas Luhmann: “Com a adopção da diferenciação funcional, as pessoas já não podem, como indivíduos, ser firmemente situadas num único subsistema da sociedade, devendo antes ser encaradas a priori como socialmente deslocadas”



- “E quais são as cores próprias para um quarto virado a nascente?

- Esse recebe Sol de manhã, mas não o recebe á tarde, não é? Será conveniente empregar uma cor intermediária. O amarelo, com base nas paredes e cortinados, dará a impressão de que o Sol o aquece durante o resto do dia. Os acessórios serão variados: uma almofada vermelha sobre uma cadeira verde, uma cor neutra, o cinzento para cobrir o chão.”

In “*Quem casa quer casa*” p57

(Luhmann, 1986, p15) (8)

Um individuo é uma pessoa deslocada por definição – nativo e estranho – que não pode subordinar-se totalmente a nenhum subsistema funcional, que em conjunto configuram a “plenitude do seu processo de vida”. E diz-nos Bauman que na sua biografia de vida “o individuo contemporâneo passa por uma longa série de mundos sociais amplamente divergentes (...) em qualquer momento da sua vida o individuo habita simultaneamente vários desses mundos divergentes”, transformando-se no que se pode chamar um “estranho universal” (Bauman, 2007, p.105) Será que este mundo divergente da casa, de subsistemas diversos entre trabalho e domesticidade, nos protege desse sentido de “estranheza universal”? Ou pelo contrário, compromete esse refúgio tradicional da casa e promove o que Luhmann apelidou de pessoas “socialmente deslocadas” – somos *estranhos universais* com casa e nativos sem o refúgio de uma casa?

7. **Pósfacio** (ou jogadas no *tabuleiro do xadrez*)

Um regime - que promove a *Casa portuguesa* como um sonho de um lugar privado digno, das domesticidades simples da vida modesta, que ao mesmo tempo sejam representativas dos ideais do regime que assim passam a fazer parte do lugar íntimo, do dia-a-dia das famílias no seu espaço de resguardo que é a *casa/regime portuguesa*.

Um livro – que tenta ser o compromisso entre esse desejo simples de uma casa e uma abertura para uma imagem doméstica menos tradicional, sem nunca oferecer a *perigosa ideia* de uma casa moderna, só esse compromisso entre o desejo de uma *casa portuguesa* e o vislumbre de um mundo aberto ao progresso. Nesse jogo entre a casa conservadora e outra mais aberta a um moderado progresso, num ponto convergem: nas virtudes e qualidades de um espaço referencial e dos valores do espaço da casa e da domesticidade enquanto

aspectos primordiais para a compreensão da relação referencial espaço/identidade.

“**Paradis artificiel**” - imagem de Bachelard de uma cabana que é o eterno refúgio do homem de um austero (mortal) inverno de um manto gelado e *uniformizante*. O *de dentro*, oferece a casa de profunda relação como o *eu* e as suas *finesses* e *nuances* da sua intimidade. Por outro lado, o *de fora*, ao que chama o “não eu” que associa ao “não-casa”, lugar apagado pela desumanidade da *neve*, metáfora sobre a desumanidade do mundo exterior que apaga as sensibilidades humanas, e que o *sonhador da casa*, no seu refúgio, consciente disso mesmo, reconhece a sublimação dos valores vitais da intimidade.

Será assim para a geração dos *Globalists*, enquanto novo *homem sonhador* da casa de Bachelard? Como será a sublimação dos “valores da sua intimidade, onde tudo se diferencia e multiplica”? E se essa consciência for grande, talvez a sensibilidade e as *finesses* da casa não se percam, e talvez mesmo a velocidade da *paisagem gelada* abrande ao tempo mais humano e menos digital, e o *inverno* possa voltar a ser mais ameno - “*Paradis artificiels*”.

Lugares de encontro - “Espaço social”, ou o espaço como produto social e resultado de uma combinação de espaço e identidade, é a *jogada* de Henri Lefebvre neste *tabuleiro*. Ou seja, “concretas abstrações”, que são as relações sociais, compõem uma relação subjacente ao lugar/espaço que ocupam, sendo por isso mesmo, uma permanente avaliação crítica e analítica em relação ao que esses lugares representam, e sendo origem ou causa de uma permanente transformação; “substitutions, transpositions, methaforizations”.

As práticas sociais, que constituem e configuram o lugar da casa estão sujeitas a essa permanente avaliação crítica da organização do seu quotidiano e dessa *concreta abstracção* que é a domesticidade e as suas novas ambivalências. Ou seja, para Lefebvre, a casa é a configuração do universo mutável e em permanente avaliação crítica das práticas sociais do homem que a habita. O espaço privado da casa transformou-se num lugar de encontro, “highly elaborated”, por entre espaços de transição, com os espaços de trabalho, e outros, “appropriated to meditation and solitude”. Ou seja, a domesticidade absolutamente reservada

da casa que Bachelard enuncia em 57, enquanto lugar para as nuances da intimidade e longe das outras interações sociais, é hoje lugar de mutações e outros significados, nesse processo de aferição constante e de metamorfose, para uma casa onde se gerem espaços da intimidade com os espaços intermédios de trabalho abertos ao mundo.

Devem-se viver esses novos espaços da casa em reflexão e aferição, numa espécie de *mediação constante* que permita tornar compatíveis as *nobres sensibilidades* da casa enquanto coisa íntima, resguardada, de que *nos fala* Bachelard, com os espaços de relação social intermédia de trabalho, desta nova casa “*highly elaborated*(...)that *embodies a different perspective*”, de que nos fala Lefebvre.

“**Ambivalence**”- O sentido e a dimensão identitária das relações do “*Espaço social*”, ou do espaço como produto social, deverão ser objecto de reflexão e avaliação constante, para que se possa compreender o novo espaço social, as suas outras dinâmicas e renovados sentidos da *sobremodernidade*. O “excesso de espaço”, porque na nossa existência não-linear, onde coexistem vários tempos em múltiplas tarefas compondo um espaço imenso, que, paradoxalmente implica uma consciência da sua globalidade, ou seja, da imensidão de tudo para uma aparente proximidade consciente a esse todo – excesso e falta de espaço. Este excesso/falta de espaço leva ao individualismo, diz Augé.

Das *três figuras de excesso: excesso de tempo, de espaço e de individualismo*”, de que nos fala Augé, resulta uma conseqüente ambiguidade, de “*incómoda sobredefinição e subdefinição*”, como nos diz a *jogada* de Bauman. Refere que temos que aprender a ser “estranhos”, como se fora um novo papel na nossa vida organizada e definida enquanto “nativos”, inseridos numa comunidade, circunscrita a um lugar, um aqui e agora. *Jogada* de Bauman que nos introduz ao conceito de *personalidade ambivalente*, entre o rito social do “nativo”, utilizador da Arquitectura doméstica da casa, e o desafio constante pelo seu outro papel do “*estranho*”, do *trabalhador* aberto ao mundo. O Espaço referencial do “nativo”, da sua intimidade, da sua reserva, do “*de dentro*” protector ao mundo, do “*de fora*” como dizia Bachelard, é invadido pelo “*estranho*”, que é o ritual do

trabalho e do seu papel e dever social, das outras regras que nada têm que ver com essa reserva privada da casa.

Estranho universal - múltiplos significados e argumentos persuasivos de Niklas Luhmann:” Com a adopção da diferenciação funcional, as pessoas já não podem, como indivíduos, ser firmemente situadas num único subsistema da sociedade, devendo antes ser encaradas a priori como socialmente deslocadas”

Um individuo é uma pessoa deslocada por definição – nativo e estranho – que não pode subordinar-se totalmente a nenhum subsistema funcional, que em conjunto configuram a “plenitude do seu processo de vida”. E diz-nos Bauman que na sua biografia de vida “o individuo contemporâneo passa por uma longa série de mundos sociais amplamente divergentes (...) em qualquer momento da sua vida o individuo habita simultaneamente vários desses mundos divergentes”, transformando-se no que se pode chamar um “estranho universal”.

Serão as *nossas casas* casas de pessoas “socialmente deslocadas”? – podemos, talvez, ser *estranhos* em casa própria e *nativos* sem o refúgio de uma casa; ambivalência entre *estranho* e *nativo* que é o *viajante da sobremodernidade*, e que será o lugar ambivalente da sua morada contemporânea - seja qual for o seu mundo de intimidades ou o seu refúgio do *manto gelado* do exterior.

Última jogada - Talvez seja oportuna uma *jogada final* com a inteligência sensível de *Jorge Luis Borges*: “Não tenho imaginado apenas essas brincadeiras; tenho também meditado sobre a casa. Todas as partes da casa existem muitas vezes, qualquer lugar é outro lugar. Não há uma cisterna, um pátio, um bebedouro, um portal; são catorze (são infinitos) os portais, bebedouros, pátios, cisternas. A casa é do tamanho do mundo; ou melhor, é o mundo”. (in “*A casa de Astérion*” in O ALEPH)

As *próximas jogadas*, dos debates possíveis desde todas estas estratégias e jogadas *escritamente* lançadas, ficam nas mãos e ideias dos leitores deste *xadrez*.

Lisboa, Outubro 2016



Notas

1- “*Deus, Pátria e Família*”- a chamada “Trilogia Nacional”, era uma das bandeiras principais do regime nacionalista, onde o peso enorme da religião sobre uma população na sua enorme maioria iletrada, o nacionalismo de um regime totalitário e a ideia de família tradicional eram máximas da ditadura.

2- “*Indícios de abertura*” – O contexto cultural e político do projecto do *Bairro das Estacas* ou do *Hotel Ritz* de Lisboa eram o de um final dos *anos de ouro* do regime totalitário. Com o fim da guerra e o colapso dos países fascistas e das suas ideologias, gerou-se uma inevitável abertura para uma modernidade de época e que deu origem ao primeiro congresso de arquitectura em Portugal em 48. O estímulo das democracias em reconstrução de outros países e o vigor de uma nova geração fizeram a proposta de transição para uma nova moral social, num país preso por uma ideologia, vinculado a uma tradição ruralista e perdido na memória de um império.

3- “*Hotel Ritz*” – Projecto do Arq.to Porfírio Pardal Monteiro (1952) emblemático da segunda geração de modernos em Portugal, foi encomendado pelo ditador Oliveira Salazar para ser peça fulcral na encenação da imagem de uma abertura do regime aos valores democráticos do progresso pós-guerra, na expressão da moderna arquitectura de época, num edifício no centro da capital do império, pertencente a uma das melhores cadeias hoteleiras internacionais. Foi pago pelas maiores fortunas do país “*a pedido*” do ditador.

4- “*PORDATA*”- Dados do Projecto PORDATA, (Fundação Manuel dos Santos) que dão uma impressionante imagem realista de Portugal dos anos 60 e da posterior evolução: dos 0.9% da taxa real de escolarização da população em 1961, passámos para 88,5% em 2015. (<http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+real+de+escolariza%C3%A7%C3%A3o-987>)

5- “*Espelho*” – “O património arquitectónico e urbano figurado por um labirinto que dissimula a superfície cativante de um **espelho acompanhado** pelos comportamentos conservadores que o rodeiam, pode ser decifrado como uma alegoria do homem na alvorada do século XX.” Escreve Françoise Choay – in “A Alegoria do Património”, p.225

6- “*Globalists*”- ou *Digital Youth*, estão no topo da pirâmide de influência; são exemplo para os mais novos e o são uma influência para os mais velhos, sendo ainda clara a sua influência nos hábitos gerais de consumo. Com acesso total ao mundo pela internet, habituaram-se a que as suas identidades experimentem uma dimensão metafísica, transcendendo o espaço de onde são ou até iludindo o espaço onde estão. O domínio da imagem torna-nos (a todos) seres essencialmente visuais, que vivem pelo fascínio de uma vida por entre o real e o virtual. Existirá uma perda de sensibilidade em relação ao mundo tridimensional e tangível? E, talvez, uma potencial perda dos valores do toque, da atmosfera sensível; *des réserve d'intimité, des finesses d'intimité*

7- Para George Simmel (sociólogo da modernidade) essa modernidade é uma experiência relacional e dialógica entre o *eu* e o *mundo*. É uma perspectiva filosófica centrada no homem a compor uma visão de conjunto, entendimento a que Simmel chamou “atitude do pensador”, postura e relação do indivíduo com o exterior, ou de um *pensador moderno* com a totalidade do seu complexo mundo.

8- Luhmann, Niklas, “Love as Passion: The Codifications of Intimacy”, Cambridge, Mass; Harvard University Press, 1986 USA

Bibliografia

Augé, Marc, « Le sens des autres », Paris 1994, Editions Fayard ISBN 9782213591827

Augé, Marc, « *Não Lugares : Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*», Lisboa 2005, 90 Graus (1ª edição de 1992) ISBN 9788530802912

Bachelard, Gaston, “La poétique de l'espace”, Paris 1989, Édition Quadrige ISBN 9-782130-423317

Bauman, Zygmunt, “Modernidade e Ambivalência”, Relógio de D'água Editores, Lisboa, Lisboa 2007 ISBN 978-972-708-951-2

Lefebvre, Henri, “*La production de l’espace*”, Paris 1986, Anthropos ISBN n/d

Lévi-Strauss, Claude, “*Tristes Trópicos*”, Lisboa 1979, Edições 70 ISBN n/d

Luhmann, Niklas, “*Love as Passion: The Codifications of Intimacy*”, Cambridge, Mass; Harvard University Press, 1986 USA

Luis Borges, Jorge, “*Obras completas - Vol.I*”, Editorial Teorema, Lisboa 1998 ISBN 972-695-347-2

San Payo, Ruth, “*Quem casa quer casa*”, colecção educativa SÉRIE I, Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral da Educação Permanente, Lisboa 1956 ISBN n/d

Teotónio Pereira, Nuno, “*Escritos 47/96*”, Faup, Porto 96

Ilustrações

“*Quem casa quer casa*” - feitas pela autora Ruth San Payo, retiradas da edição original

“*Casas Portuguesas*” - feitas pelo autor, retiradas da edição original

Fotografias de Índios Bororo:

<http://www.projetomemoria.art.br/rondon/missoes-indios-empecilhos.jsp>

<http://4.bp.blogspot.com/6hHaRvgn2ZI/T1XnmbGQI6I/AAAAAAAAAUI/cUU3FZdERTk/s640/CM89.jpg>